

DA COMUNICAÇÃO À INTERPRETAÇÃO EM GRUPANÁLISE

César Vieira Dinis

Resumo:

O autor defende que em psicoterapia a construção empática de uma hipótese de significado é determinante para que se operem transformações no intrasubjectivo a partir das vivências intersubjectivas. Sublinha, a propósito, a importância da comunicação verbal como veículo das transacções vinculares. Pensa que a Grupanalise oferece um contexto particularmente adequado para a possibilidade de transformação intrasubjectiva.

O grupo grupanalítico funciona como um amplificador empático, na medida em que a construção e a aceitação da interpretação dirigida a um membro do grupo é partilhada por todos. O caminho possível para a autocompreensão crítica passará pela experiência de se ser compreendido, possibilitando a transformação maturativa.

Olhando para o conjunto da teoria psicanalítica em termos do que tem sido considerado como o vector que pelo seu teor energético enforma as estruturas interactivas que põem em equação uma pessoa com outra ou outras ou partes de uma mesma pessoa entre si, encontraremos diferentes formulações privilegiando distintos tipos de energia emocional.

A tais estruturas interactivas, Bion deu o nome de vínculos (Grinberg, 1975) ou elos de ligação e contemplam quer a inter e a transsubjectividade quer a intrasubjectividade. Talvez que "grosso modo", tenham estado, desde sempre, implícitas na teoria de relações de objecto tanto na vertente de representação de relação de objecto interno como de relação de objecto externo. Uma das inovações será o facto de atenuarem o fosso entre posições sujeitalistas e objectalistas, na medida em que, por exemplo, a intersubjectividade corresponde a uma construção comum em que as partes colaboram, não sendo nenhuma delas o autor exclusivo.

Para Freud, o vínculo determinante seria o amor sexual, para Klein o ódio oriundo sobretudo da inveja, para Bion o conhecimento, entendido

como o doloroso confronto com a verdade. David Zimerman (1988) considera um quarto vínculo, o do reconhecimento que significa a apetência da criatura humana para ser aceite e compreendida na sua singularidade. Faz sentido, tanto mais que tal formulação, enfatizando necessidades narcísicas básicas, é sintónica com a conceptualização de Kohut (1971) sobre a linha de desenvolvimento do narcisismo e a estruturação do self.

Seja como fôr, os vínculos propoem linhas de força cujas vicissitudes de percurso ditariam o destino quer do aparelho psíquico de cada um quer das relações humanas em geral.

Tenho para mim que os diferentes vínculos convergem num denominador comum: a procura de respostas a necessidades básicas que serão o protonúcleo da natureza humana. A maior ou menor competência para adiar, substituir ou prescindir dessas respostas quando a satisfação não é possível — e muitas vezes não o é — será o que caracteriza a condição humana.

O amor sexual poderá considerar-se como uma necessidade física e psíquica, eminentemente biológica pois que ligada ao próprio discurso da vida ou mesmo como uma necessidade que transcendendo a ontógenese, radica na filógenese.

O ódio e a inveja explodirão porque o seio idealizado recusa à criatura totalmente dependente o que lhe é essencial para responder à necessidade de se manter vivo.

O conhecimento da realidade interna e da realidade externa, o "ter-se consciência" será o que permite à pessoa destacar-se do caos, aceder a ente, existir, e, quanto a mim, complementando-se com o reconhecimento, permitir a assumpção da identidade.

O conhecimento e o reconhecimento surgem-me como solidários, encontrando-se e complementando-se. Serão reciprocamente função um do outro.

Não concebo o conhecimento sem que se contemple a atribuição de significado o que exige como condição prévia a possibilidade de comunicação entre o próprio e o outro, na origem não verbal, depois e cada vez mais através da utilização do simbólico (a palavra) exprimindo ideias, pensamentos, afectos e emoções, uns e outros intimamente ligados,

permitindo, em suma, a mentalização. Assim, a qualidade do encontro inicial ditará a sorte do intrasubjectivo da criança. Mais tarde, se acontecerem intrasubjectivos colaborantes, poderá surgir um intersubjectivo maduro.

O território comum, onde tudo começa, ajudar-nos-á a entender a importância que a construção de um significado partilhado e aceite pelos intervenientes conserva ao longo da vida, bem como a potencialidade de mudança que ele encerra.

As pessoas buscam ser compreendidas e aceites para poderem compreender-se e aceitar-se e será esta uma das razões da exigência de empatia na relação terapêutica.

Não se atingir esse desiderato conduzirá a graves disrupções na organização e funcionamento do aparelho psíquico:

- a) A pessoa não se compreende nem aceita suficientemente, mas apela à compreensão e aceitação por parte do outro — neurose e depressão.
- b) Desistir da auto e heterocompreensão, anulando-se as fronteiras entre o eu e o outro e estabelecendo-se a hegemonia do caos — psicose.
- c) Despreza a heterocompreensão, inventando uma autocompreensão que para ela tudo justifica e absolve e impondo-a ao outro — patologia do carácter.

Como disse anteriormente é a comunicação que viabiliza a procura, a tentativa de atribuição e por fim a aceitação de significados, processo que nasce, cresce e acontece no território interactivo proporcionado pelo próprio e pelo outro, na intersubjectividade, construção partilhada em que ambos colaboram. É preciso que o significado seja aceite por todas as partes em presença, isto é que o vínculo que o enforma encontre eco num e noutro lado.

Se considerarmos a especificidade da relação terapêutica no que respeita à assimetria da responsabilidade dos protagonistas, já que um pede e o outro ao aceitar o pedido, assume implicitamente, pelo menos, que o procurará satisfazer, aceitar-se-á que a participação do analista na

construção do significado obriga a que a interpretação, para viabilizar a mudança, nasça da empatia possível. Se tal propósito não for respeitado, a interpretação, ainda que teoricamente correcta, degenerará em comunicação persecutória, culpabilizante ou, pelo contrário, grosseiramente absolutória, isto é, não transformadora e mesmo patogénica. É por este motivo que a referência ao genético-evolutivo poderá ser um catalizador da empatia na medida em que o iluminar certa dimensão do significado primitivo, credibilizará a elaboração do novo significado. É que tal como na relação analista-paciente a relação pais-filhos é clamorosamente assimétrica no que respeita à responsabilidade de uns e de outros.

A comunicação sempre esteve no cerne da conceptualização grupanalítica conforme ressalta exemplarmente se considerarmos a definição de "matriz" do grupo, conceito nuclear na teoria e praxis grupanalíticas:

Foulkes (1967) entendeu-a como "a teia hipotética de comunicação e relação num dado grupo...". Cortesão (1989) ampliou-a para a "rede específica de comunicação, relação e elaboração...". Eu próprio (Dinis, 1994) a considerei como rede de comunicação, relação e transacção emocional. Conforme escrevi "na situação grupanalítica... estabelecem-se gradualmente inter membros canais de comunicação e transacções relacionais carregadas de teor afectivo...". Parece-me que estas transacções emocionais contemplam no essencial o que se entende por vínculo, na dimensão intersubjectiva enquanto estruturas agregando pessoas.

Retomando o enfoque sobre a importância da comunicação em grupanalise, temos que mesmo nas variantes e derivativas do método grupanalítico por exemplo, nas modificações da técnica adaptada a situações específicas — desde o "large group" aos grupos para tratamento de patologias "especiais" — o propósito de fomentar a comunicação está sempre presente.

Interessa-me abordar a comunicação enquanto veículo que permite a concretização dos fenómenos especulares, dando-lhes forma e voz e tornando-os assim legíveis e actuantes.

Recorro à fenomenologia grupanalítica foulkesiana para sublinhar a

reacção de espelho (Foulkes, 1965) que permite ao indivíduo confrontar e cotejar a sua autoimagem com a imagem que os outros têm dele, abrindo-lhe a via para possíveis reformulações, e a oportunidade que tem o próprio de constatar as semelhanças e diferenças que tanto o identificam como distinguem dos outros.

Quanto mais não fosse, estas dimensões, só por si, contemplariam necessidades narcísicas fundamentais que a serem razoavelmente respondidas, desembocarão no reconhecimento.

São necessidades de objectos do *self* especulares e de alter ego (Kohut, 1984) e de estruturação da autoimagem. Entrarei um pouco na intimidade do processo para tornar mais claro o que quero dizer:

O estar-se em grupo, entre pares, prosseguindo a meta comum de ultrapassar (ou conviver?) a insatisfação, a insegurança, o sofrimento, desperta e desenvolve o sentimento de pertença, aliviando e tornando mais suportáveis os défices, lacunas e nebulosidades da identidade individual que, num primeiro tempo, seriam como que supridos pela identidade grupal. Ocorreriam já aqui fenómenos de internalização e de introjecção, abrindo caminho à possibilidade de reparação. Seria um modelo de relação fusional em que o indivíduo estaria unido (ou até confundido) ao grupo do mesmo modo que o bebé dependente estará ligado à criatura supostamente onnipotente como se o poder desta fosse realmente o seu.

Mas inevitavelmente o grupo frustrará e mais tarde ou mais cedo será sentido como decepcionante, obrigando o indivíduo a emergir da nebulosa. Neste segundo tempo, tudo dependerá da pessoa se sentir ou não ancorada com solidez no grupanalista. Se este nos contactos que estabeleceu com o seu analisando, previamente à entrada para o grupo, conseguiu credibilizar uma confiança básica satisfatória e por extensão uma aliança terapêutica consistente foi alicerçada, estarão preenchidas as condições para que um lento processo de reparação vá evoluindo, apesar de inevitáveis acidentes de percurso. O analisando estará então em condições de poder prescindir da identidade grupal, facilitando-se-lhe assim a aquisição pessoal da competência que "falhou" ao grupo. Serão verdadeiros fenómenos de internalização transmutativa na acepção do conceito de Kohut (1977).

O analisando estará a partir daí mais permeável às interpretações

que lhe forem individualmente dirigidas quer pelo grupanalista quer por outro membro do grupo e à recepção pessoal das que, porventura, contemplam o grupo como um todo.

Permanecerá, no entanto, disponível o recurso ao mergulho na identidade grupal quando tal estratégia defensiva lhe fôr necessária, dela emergindo ao sentir-se de novo com competência suficiente. Estará assim estabelecido um sistema de vai e vem, alternância de mergulhos e de ressurgimentos, utilizável à medida das necessidades de manutenção narcísica e de estruturação do self.

A comunicação verbal, no indivíduo adulto, é o efluente privilegiado que permite pôr em contacto emissor e receptor (reciprocamente alternantes) dando forma aos vínculos e abrindo a possibilidade para a sua reformulação, numa sequência que vai do intersubjectivo e transubjectivo para o intrasubjectivo.

Em análise é também a comunicação, desde que fluindo numa relação predominantemente empática, que permitirá a construção do significado. Significação essa, referenciada aos acidentes do genético-evolutivo revividos e reactualizados na análise e configurando assim a neurose de transferência.

É ao verbalizar-se essa hipótese do porquê que acontece uma interpretação. Interpretar será pois sugerir e oferecer uma compreensão que possa ser aceite por todas as partes em presença, o que rigorosamente nada tem a ver com uma explicitação. Compreensão e aceitação surgem como condições necessárias para que uma interpretação seja actuante. Será assim o percurso que a partir da compreensão e aceitação por parte dos outros, conduzirá à autocompreensão e à autoaceitação.

Penso que sem a pessoa se compreender e aceitar não existirá reparação narcísica, nem hipótese de mudança, mas penso também que para que tal aconteça genuinamente, sem mentiras nem postigos, a mensagem terá que ser decodificada na interacção com os outros.

Naturalmente que o que tenho estado a propor, à cerca da importância da comunicação no tratamento, é inteiramente válido para o contexto dual, isto é, para a terapêutica analítica a dois. Suponho, no entanto, que o "setting" grupal estará mais próximo do percurso humano, já que partindo do grupo familiar nuclear, a pessoa sempre viveu e se foi

formando em matrizes relacionais plurais, os grupos humanos em que se inseriu e onde simultaneamente foi agente e agido.

Entendo por tudo isso que num grupo de grupanálise ao ser activada pela regressão a matriz pessoal de grupo (Leal, 1970) que cada um traz dentro de si, ela encontrará disponível, à sua espera, um cenário particularmente adequado para a sua reactualização.

É a partir dessa encenação que se torna possível interpretar.

Em grupanálise qualquer interpretação, mesmo a dirigida electivamente a um determinado analisando, alicerça-se a partir da matriz do grupo e ao ser verbalizada vai reverberar e ecoar em todos os membros do grupo. Esta comunhão na construção e aceitação do significado, esta riqueza da intersubjectividade ampliará a possibilidade de mudança no intrasubjectivo, abrindo caminho para a autocompreensão e autoaceitação possíveis.

Este texto é a reprodução de uma comunicação apresentada no V Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica, Rio de Janeiro, 12 a 14 de Novembro de 1999.

Résumé:

L'auteur soutient qu'en psychotérapie la construction empathique d'une hypothèse de signification est une condition nécessaire pour que, par voie des expériences intersubjectives, des changements intrasubjectifs s'accomplissent.

Il repère, à propos, l'importance de la communication verbale comme véhicule des transactions de liaison.

Il pense qu'en Groupanalyse, il s'agit d'un milieu particulièrement voué à faciliter le changement intrasubjectif.

Le groupe groupanalytique a la valeur d'un amplificateur empathique parce que l'interprétation à l'intention d'un membre particulier est partagée par tous en ce qui concerne sa construction et acceptation. La route possible pour l'autocomprehension critique dépend de l'expérience préalable d'avoir été compris par les autres, en soutenant ainsi le changement vers la maturation.

Summary:

The author sustains that in psychotherapy the empathic construction of an hypothesis of meaning is a main condition to reach intrasubjective changes. He stresses the importance of verbal communication as a conveyor of links in intercourses.

He thinks that Groupanalysis is a particular suitable setting to enhance intrasubjective

changes. The groupanalytic group has the value of an empathic amplifier inasmuch the individual interpretation is shared by every member in its building and plausibility. The possible way to reach a fair *self* comprehension depends on previous experience of being understood and so fostering further maturation.

BIBLIOGRAFIA

- CORTESÃO, E. L. (1989) Grupanálise Teoria e Técnica. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- DINIS, C.V. (1994) 'Algumas Reflexões a Propósito da Neurose de Transferência em Grupanálise', Grupanálise 5: 7-18.
- FOULKES, S. H. (1967) 'The Concept of Group Matrix', Group Analysis 1: 31-35.
- FOULKES, S. H. & ANTHONY, E. J. (1965) Group Psychotherapy: The Psychoanalytic Approach. 2nd Ed. Londres, Penguin Books, 1968.
- GRINBERG, L. ET AL (1975) Introduction to The Work of Bion. Londres, The Roland Harris Educational Trust.
- KOHUT, H. (1971) The Analysis of the Self. New York, International Universities Press, Inc., 1974.
- KOHUT, H. (1977) The Restoration of The Self. New York, International Universities Press Inc.
- KOHUT, H. (1984) How Does Analysis Cure? Londres, The University Of Chicago Press.
- LEAL, R. M. (1970) 'Le Transfert Analytique dans l'Analyse de Groupe', Bulletin de Psychologie de l' Université de Paris (285 XXIII 13-16) 1969-1970 : 760-764.
- ZIMERMAN, D. E. (1998) in Bion Hoje, Rezende A. M. et al. Lisboa, Fim de Século Edições Lda.